

Antônio Renato Salgado Batista

7º ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA

GT 1

A docência de Ciências Sociais/Sociologia no mundo digital: as metodologias de ensino
em Ciências Sociais na educação básica.

FAKE NEWS, POLÍTICA E REDES SOCIAIS: O PAPEL PROBLEMATIZADOR DA
SOCIOLOGIA NA ESCOLA.

Belém, Pará
2021

INTRODUÇÃO

O fenômeno social das *fake news* tem se destacado no meio tecnológico e da comunicação, impactando e refletindo no cotidiano da sociedade brasileira e internacional em diferentes aspectos da vida social, sobretudo a política. Essa realidade vem impondo a necessidade da realização de pesquisas por parte da comunidade científica, pois o corpus que compõe as *fake news* evidencia extremos políticos cada vez mais acirrados.

O fenômeno das notícias falsas não emerge com a formação da chamada sociedade em rede (CASTELLS, 2020), elas existem há muito tempo, já serviram de estopim a guerras, foram usadas como subterfúgios para a chegada e permanência no poder de regimes autoritários. Na Europa, os pasquins e as gazetas sacavam boatos e distorções com os quais se dedicavam a difamar e elidir as imagens de figuras públicas, muitas vezes ganhando contornos de uma “propaganda política deliberadamente falsa” (DARNTON, 2017).

Então, cabe o questionamento, o que mudou? Inicialmente, observamos que nos dias atuais elas mudaram de denominação, o meio por onde são veiculadas e o potencial de engajamento e persuasão que os conteúdos falsos geram na sociedade. A infraestrutura tecnológica atual dos meios digitais e a constante democratização do acesso à internet permitiram que o volume e a velocidade de propagação das notícias falsas chegassem a esse patamar massificado, cuja circulação acelerada promove compartilhamentos sem a devida checagem do corpus compartilhado. É necessário pontuar ainda que o acesso massificado não encontra similaridade em uma educação midiática, ou seja, temos muitos acessos e pouca criticidade dos usuários da rede, fato que dialoga com a ideia de que:

O que está errado com a sociedade em que vivemos, disse Cornelius Castoriadis, é que ela deixou de se questionar. É um tipo de sociedade que não mais reconhece qualquer alternativa para si mesma e, portanto, sente-se absolvida do dever de examinar, demonstrar, justificar (e que dirá provar) a validade de suas suposições tácitas e declaradas (BAUMAN, 2001, p.33).

Assim, os usuários das redes sociais, símbolo das mídias contemporâneas, se ocupam bem mais com encontrar postagens que corroborem seus discursos do que analisar o teor verídico do que é informado, se concentrando em suas opiniões próprias, ou seja, no senso comum, e não no que corresponde de fato a realidade. Esse cenário apresentado aponta para a necessidade de educar para as mídias e a escola deve contribuir para essa tarefa. As Ciências Humanas e Sociais em geral, a Sociologia em particular, tem como proporcionar aos discentes

a apresentação de técnicas, métodos e conhecimentos para o contato frequente com notícias falsas e seus impactos sociais. Identificar, estudar e analisar o fato e propor soluções de enfrentamento do problema precisam fazer parte do processo de ensino e aprendizagem escolar, aproximar mais a escola da realidade dos jovens e da sociedade se faz cada vez mais necessário diante do cotidiano de incertezas que estamos vivendo, um tecido social cada vez mais frágil e instável, estudar o efeito das mídias na sociedade, no caso em questão as *fake news*, precisa fazer parte do currículo e das práticas pedagógicas, a escola como instituição social e científica pode propor alternativas a partir de sua práxis, pois não cabe ao docente apenas conhecer e tornar os problemas conhecidos aos discentes, é preciso intervir.

Quando pensamos o papel da escola frente a esse problema vemos a educação midiática como um imperativo na realidade atual, é preciso ensinar e aprender o que é opinião e o que é fato, o que é liberdade de expressão e direito do outro, se faz necessário o combate ao ambiente polarizado da opinião pública, entender que os discursos veiculados e postados nas redes sociais possuem intencionalidades e dialogam com ideologias anteriores e que as *fake news* reforçam e são reflexos da contaminação do ambiente virtual pelas disputas políticas entre as classes sociais, seus membros e suas narrativas discursivas.

O objetivo do artigo gira em torno justamente de discutir o papel da escola, particularmente da Sociologia, na abordagem problematizadora do tema das *fake news* no campo político. A discussão partiu de uma enquête realizada junto a uma amostra de vinte estudantes selecionados aleatoriamente na Escola de Ensino Médio Jaime Tomaz de Aquino, localizada no estado do Ceará. A partir daí, o texto foi construído com base na análise da Base Nacional Comum Curricular e nas Orientações Curriculares Nacionais propondo um caminho metodológico de trabalho com o tema na sala de aula.

O artigo buscou apresentar como possibilidade de caminho no trato das informações que circulam no ambiente das redes sociais a análise de discurso (AD), entendida aqui como bastante apropriada a dimensão política das *fake news* pelo foco no discurso como forma de materialização de ideologia permitindo conectar o que se diz no mundo virtual, ou seja, o intradiscurso ao interdiscurso que o constituiu.

Assim, perceber qual o efeito de sentido das discursividades presentes nas *fake news* permite tocar o imaginário, estabelecer o elo entre o fato, sua conjuntura e em que bases estruturais e culturais esse tipo de simulacro noticioso está assentado, promovendo estranhamento e desnaturalização do que se apresenta como verdade para dialogar com variados tipos de emoções e sentimentos no que Zygmunt Bauman chama de modernidade líquida.

Dessa maneira, é oportuno ao abordar um fenômeno social, estabelecer e procurar o elo que existe entre o objeto em análise, o contexto ou conjuntura no qual ele está inserido e sobre que bases estruturais ele ocorre. Utilizando essa premissa o texto busca articular os elementos factuais, conjunturais e estruturais em torno das *fake news* para em seguida propor um caminho metodológico para a abordagem no ensino de Sociologia, dentro das possibilidades que a modalidade de escrita permite.

A Era da informação e a pós-modernidade

O final do século XX e início do século XXI assistiu a uma transição de fase do sistema capitalista, caracterizada pela remodelagem da base material da sociedade em ritmo acelerado que modificou percepções de tempo e espaço, bem como outras dimensões da vida dos indivíduos em sociedade. Vários acontecimentos históricos marcam essa nova face do modo de produção capitalista, o capitalismo informacional, cuja estrutura se assenta nas tecnologias da informação e comunicação, inovações que impactaram governos, empresas e a sociedade civil em geral com ritmos diferentes, mas que cada vez mais estão capilarizados geograficamente com o acesso à internet amplamente difundido no meio social. Para Castells,

[...] ela originou-se e difundiu-se, não por acaso, em um período histórico da reestruturação global do capitalismo, para o qual foi uma ferramenta básica. Portanto, a nova sociedade emergente desse processo de transformação é capitalista e também informacional, embora apresente variação histórica considerável nos diferentes países, conforme sua história, cultura, instituições e relação específica com o capitalismo global e a tecnologia informacional (CASTELLS, 2020, p.7-8).

É importante observar que as mudanças significativas no sistema capitalista acarretaram impactos no tecido social, a nível individual e coletivo, trazendo consigo precariedade, vulnerabilidade e instabilidade na contramão do frágil, mas socialmente benéfico Estado de bem estar social das décadas que se seguiram ao término da Segunda Guerra Mundial. Ou seja, ao passo que a tecnologia se desenvolvia e as condições de vida melhoravam, paradoxalmente o capital se tornava mais livre para agir independentemente de fronteiras, sem a necessidade de bases fixas e sem qualquer compromisso voluntário ou involuntário com os trabalhadores, o que contribuiu para uma involução nas condições de vida da população em geral.

[...] precariedade, instabilidade, vulnerabilidade, é a característica mais difundida das condições de vida contemporânea e também a que se sente mais dolorosamente [...] O fenômeno que todos esses conceitos tentam captar e articular é a experiência combinada da falta de garantias (de posição, títulos e sobrevivência, da incerteza (em relação à sua continuação e estabilidade futura) e de insegurança (do corpo, do eu e de suas extensões: posses, vizinhança, comunidade) (BAUMAN, 2001, p.188)

Ao pontuar essa realidade, percebemos que as tecnologias permitiram ao capital tornar-se verdadeiramente global, conectado e organizado em rede, mas sem as amarras que o entrelaçavam ao mundo tangível, que punham capital e trabalho na mesma jaula, onde um necessitava do outro para viver, transformando o primeiro numa entidade independente de compromissos locais e o segundo numa categoria que além de dependente digladiava-se com pouca capacidade de negociação e intervenção.

É claro que a independência não é completa, e o capital não é ainda tão volátil como gostaria de e tenta ser. Fatores territoriais – locais – ainda devem ser considerados na maioria dos cálculos, e o “poder de confusão” dos governos locais ainda pode colocar limites constrangedores à sua liberdade de movimento. Mas o capital se tornou exterritorial, leve, desembaraçado e solto numa medida sem precedentes, e seu nível de mobilidade espacial é na maioria dos casos suficiente para chantagear as agências políticas [...] (BAUMAN, 2001, p.201).

Essa capacidade de achaque com forte teor especulativo tem como base a fuga de capital ou o desinvestimento aqui representada pela entidade “mercado” e suas agências próprias de análise de risco, que em diálogo com as bolsas de valores promovem pânico em vários segmentos da população, sobretudo a classe trabalhadora, e governos em certa medida ao acenarem com punições e mudanças de local caso suas exigências de livre mercado não sejam continuamente acatadas e implementadas, como reformas da previdência, administrativa e trabalhista, para exemplificar algumas, demonstrando que o poder fluído do capital apesar de ter encontrado as instituições tradicionais da fase anterior do capitalismo nas suas mesmas localidades, extrapola sua capacidade política de ação.

Dessa maneira, a reestruturação capitalista da década de 1980 com todo seu viés tecnológico e o declínio do modelo keynesiano expresso no Estado de bem estar dos nos anos 1970 somados as reformas neoliberais criaram as condições para o surgimento desse capitalismo informacional cujas consequências sociais mais imediatas foram privatizações, desregulamentações e ruptura do contrato social entre trabalho e capital. Portanto, o informacionalismo está ligado à expansão e ao rejuvenescimento do capitalismo (CASTELLS, 2020, p. 76). Outro aspecto fundamental no entendimento da realidade atual é o seu caráter flexível, ou seja, a transição de uma fase mais pesada para uma mais leve, fluída ou líquida evidenciada pelos pontos destacados anteriormente que exige constante adaptação

das pessoas empregadas ou que buscam emprego, denotando assim a instabilidade que passou a fazer parte do cotidiano social.

Vivemos num mundo de flexibilidade universal, sob condições de *Unsicherheit* aguda e sem perspectivas, que penetra todos os aspectos da vida individual – tanto as fontes da sobrevivência quanto as parcerias de amor e do interesse comum [...] São poucos os portos seguros da fé, que se situam a grandes intervalos, e a maior parte do tempo a fé flutua sem âncora, buscando em vão enseadas protegidas das tempestades. Todos aprendemos às nossas próprias custas que mesmo os planos mais cuidadosos e elaborados têm a desagradável tendência de frustrar-se e produzir resultados muito distantes do esperado; que nossos ingentes esforços de “pôr ordem nas coisas” frequentemente resultam em mais caos, desordem e confusão; e que nosso trabalho para eliminar o acidente e a contingência é pouco mais que um jogo de azar. (BAUMAN, 2001, p. 171).

A incerteza é uma condição em que as pessoas vivem atualmente devido a esta necessidade de flexibilidade que carrega consigo os sinônimos sociais da instabilidade, insegurança e precariedade como signos da modernidade líquida e do capitalismo informacional, daí a relevância de se conhecer e estudar a base material da microeletrônica em sua relação com o social, para além e em conjunto dos aspectos tecnológicos, assim podemos analisar mais a fundo os seus subprodutos, no caso específico, as *fake news*, um problema de comunicação política inserido assim como vários aspectos de nossas vidas no mundo virtual.

As *fake news* como um subproduto

A contextualização realizada anteriormente se conecta com a hipótese de que as *fake news* não são o problema original em si, mas antes uma consequência que expressa como estamos lidando com nossos problemas sociais e pessoais no âmbito da comunicação, tendo no espaço público das redes sociais uma arena de disputas simbólicas e emocionais baseadas em generalizações do senso comum, onde opinião e ideologia constantemente se sobrepõem a ciência e aos fatos. Estamos vivendo a possibilidade de se conectar ao mundo e aos outros com uma velocidade cada vez maior, mas arcando com todo o ônus que o capitalismo informacional e a pós-modernidade ou modernidade líquida colocam, ou seja, os sentimentos e a sensação que estamos desalentados, com desemprego crescente, insegurança e crises recorrentes que não nos permitem caminhar por uma estabilidade na vida, que nos causa medo, ansiedade e depressão, sentimentos que se materializam, por exemplo, nas *fake news*, seja como informação de combate, de enfrentamento ao outro ou pela necessidade de acreditar apenas no que convém, no que reforça o que cada um pensa em detrimento da realidade ou verdade propriamente dita, numa espécie de “desejo de verdade que se

confundiria com a própria verdade e que serviria de explicação, ao menos em parte, da grande disposição dos sujeitos pela divulgação de opiniões baseadas em *fake news* ou em informações frágeis.” (SEIXAS, 2018. p.124), ou seja, estabelecendo que opinião é um critério válido para argumento. Nesse cenário é muito importante o papel da ciência e das instituições de ensino, pois o debate da coisa pública, a política, em sua concepção de discutir e construir consensos que levem a resolução de problemas da sociedade está escapando pelas teclas de computador e pelo toque da tela dos aparelhos celulares, amalgamando sentimentos de medo, insegurança e instabilidade em torno de identidades que não dialogam entre si e veem no outro o inimigo que deve ser engolido (incorporado) ou eliminado, sem possibilidade de consenso ou concessões. Nesse ambiente do eu, do nós e do eles emergem do espectro político toda sorte de personagens, impensáveis a pouco tempo atrás, mas ungidos pelo fundamentalismo religioso e com as bençãos do mercado financeiro, ou em outras palavras, conservador nos costumes e (neo)liberal na economia, invertendo sentidos óbvios onde incompetência passa a ser sinônimo de autenticidade e inexperiência de não fazer parte da “velha política”, alterando a face de nossa sociedade e as regras do jogo político, ou seja, os defeitos e vícios dos líderes populistas se transformam, aos olhos dos seus eleitores, em qualidades. (EMPOLI, 2020. p. 17)

Muitos autores acompanham e se dedicam ao estudo desse fenômeno de comunicação eminentemente político como (ORTELLADO; DOURADO, 2018) para quem as *fake news* são “informações de combate” na forma de matérias noticiosas, ou seja, conjunto de notícias que são mobilizadas por determinados grupos e indivíduos no ataque ao inimigo ou na defesa de sua verdade, dialogando também com a lógica de mercado, produzir o que tem apresenta alto potencial de consumo.

[...] olhar para o contexto no qual a “informação de combate” tem sido produzida, tanto na imprensa alternativa, como na grande imprensa e pensar que a fabricação de fatos e outros procedimentos de distorção na produção de notícias são o resultado de um processo mais geral de rebaixamento dos padrões editoriais para atender um ambiente político polarizado. É por esse motivo, acreditamos, que uma parcela dos pesquisadores têm abandonado o conceito de “sites de notícias falsas” e se referindo ao fenômeno como a emergência de uma mídia “hiper-partidária (ORTELLADO; RIBEIRO, 2018. p. 73)

Quando pensamos no cenário atual onde a desinformação política no formato das *fake news* é veiculada, é destaque o caráter central das redes sociais, é aí onde o embate entre narrativas ocorre, embora não seja a fonte. Nessa rede da qual elas fazem parte, normalmente a origem está em sites produtores que alimentam perfis falsos e verdadeiros que por sua vez

inundam por exemplo o *Facebook*, onde cada usuário tem o poder de comunicar ou não as notícias que bem entende dado o caráter descentralizado desse tipo de mídia, que dispensa a mediação tradicional dos veículos de imprensa.

Entre os produtores, uma estratégia comum é manter um ou mais websites que mimetizam portais de notícias na estrutura – manchete chamativa, uma foto, um lide -, na linguagem e no nome, ao mesmo tempo, uma série de páginas no Facebook, com nomes chamativos e explicitamente engajados, que compartilham tudo ou quase tudo que é produzido pelos websites. (ORTELLADO; RIBEIRO, 2018. p. 5)

Os produtores conhecem o seu produto, já quem os consome, são enganados pelo fato de aparentemente a notícia ter passado por um processo de curadoria profissional, no final o que importa na maioria das vezes é de que lado da polarização política o usuário está, a que ideologia materializada por meio do discurso digital ele é sensível e a qual ele tem aversão, assim, o jogo passa por ser enganado e deixar-se enganar com gradações maiores para um lado ou para o outro, pois se “a crescente digitalização da vida inclui a intensa digitalização de tudo o que a vida comporta, inclusive a atividade de falsificar e alterar fatos para manipular as pessoas politicamente” (GOMES; DOURADO, 2019. p. 36) por um lado, as pessoas também tem apresentado uma postura de enclausurar-se em comunidades fechadas que só dialogam consigo mesmas, ou o que nas redes sociais também podemos chamar de bolhas informacionais.

Essa polarização de opiniões políticas e partidárias que baliza as discussões no espaço público digital das redes sociais, com destaque para o *Facebook*, cuja penetração no Brasil é notável, como apontado pelo relatório do Instituto Datafolha sobre as eleições de 2018 no qual a rede social possuía 57% de eleitores usuários no Brasil e aponta também que 22% compartilham notícias sobre política e eleição na rede apresenta dois polos antagônicos em torno dos quais se articulam diversas bandeiras e posições.

O alinhamento desses discursos, sobretudo desde 2014 e com maior ênfase no ano eleitoral de 2018, segue as narrativas petista e antipetista e dessa maneira as notícias parcialmente ou totalmente falsas ou fora de contexto encontram sua finalidade hiper partidária, ou seja, seu campo de batalha nas postagens, compartilhamentos, comentários e curtidas, tudo impulsionado pela paixão daqueles que se identificam com um ou outro lado da polarização. Assim, o ambiente de disputa altamente polarizado foi a arena da qual o agente político que mais soube se apropriar terminou levando vantagem e vencendo a disputa nas redes, embora o palco da disputa estivesse aberto a todos os outros e sem o outrora sobrepeso da mídia tradicional para filtrar, mediar ou apoiar influenciando unilateralmente o pleito.

[...] a esfera política podia, enfim, comunicar-se diretamente com a esfera civil, dispensando o atravessador, representado pelo campo do jornalismo. Com isso, informação política poderia enfim chegar ao público diretamente de um fornecedor que era ao mesmo tempo um agente do campo político (GOMES, 2005. p. 64)

Podemos então concluir que, atualmente, uma parcela grande das notícias ou informações do campo político são produzidas por sujeitos ou grupos com interesse político, que preparam o material que corresponde ao seu público específico, e mais ainda ao que esse público que ver e usar para alimentar seu ponto de vista, assim funciona o motor da guerra de narrativas, permanentemente mobilizada. “Em tempos de política mediática, a comunicação de massa é decisiva para o ingresso no círculo da representação política (ou, como se diz popularmente, “para se chegar ao poder”) e muito importante para se continuar nele.” (GOMES, 2004. p.20).

Assim, embalado pelas *fake news*, marca de sua propaganda, chegou ao poder no Brasil em 2018 o até então irrelevante Jair Messias Bolsonaro, o ex-deputado federal foi eleito presidente da República com um tempo irrisório de televisão, mas com um engajamento digital ramificado e consistente nas redes sociais, onde aos olhos dos seus eleitores suas deficiências se transformavam em qualidades, cujos conteúdos dialogavam com os anseios de grande parcela dos usuários da rede contando inclusive com mobilização voluntária em manifestações que refletiam o populismo de extrema direita em sua versão digital, tudo isso polarizando a disputa com o candidato do PT Fernando Haddad, representado em sua narrativa como sinônimo de corrupção, sistema e insegurança, assim, “a liderança carismática ascende, supostamente a partir de fora do *establishment*, como aquele que reivindica a pureza necessária para reintroduzir a ordem em um sistema irreversivelmente corrompido.” (CESARINO, 2019. p.534). É nesse caldeirão de circunstâncias que o candidato da extrema direita conseguiu triunfar.

A eleição de Bolsonaro foi um fenômeno bem complexo sob o prisma do papel das redes sociais. Consideramos esse caso uma convergência de diversos fatores, que se originaram no forte hábito de uso de telefonia celular, mas que passam por sua conta no Facebook, pela autenticidade do candidato, pela capacidade de disseminação de conteúdo via Whatsapp e até mesmo pela dificuldade que os brasileiros têm de lidar com *fake news* (notícias falsas). (MOURA; CORBELLINI, 2019. p.116)

O resultado da eleição e as *fake news*, podem ser entendidas aqui de duas formas, as notícias falsas impactaram e foram combustível na disputa que culminou no resultado em questão, todavia, para além disso, o fato e o fenômeno estão conectados a uma conjuntura de

crises (econômica e de representatividade política) e a uma base estrutural do capitalismo específica, a informacional. Mesmo passados quase três anos da última eleição presidencial, as *fake news* não desapareceram o que sinaliza que é preciso uma intervenção mais profunda que marcos regulatórios, fiscalização e reformulações internas nas redes sociais, é muito importante questionarmos como o cidadão comum pode, com pouca instrução discernir diante de um volume enorme de informação política entre o que é confiável, relevante, verdadeiro e seu oposto, tendo como norte na maioria das vezes apenas sua própria opinião.

Sabendo dessa dinâmica das *fake news*, podemos mesmo que superficialmente, dada a natureza dessa reflexão proposta, apontar que elas ofuscam a democracia, pois a mesma pressupõe além de maiorias, a busca por consensos através de diálogo e debate, o que se reduz atualmente a opiniões embasadas pelo que se defende cegamente, o que sugere que a sociedade civil e o Estado estão falhando em canalizar a internet e suas redes para o fortalecimento da democracia o que nos leva a escolhas que não corroboram o Estado democrático de direito e desprezam a dignidade das pessoas, escolhas que servem a uma camada (mercado financeiro) em detrimento do bem estar social. Vale, no entanto, ressaltar que o problema não é a tecnologia em si, nem a internet nem as redes sociais, pois se trata de um ambiente pleno de possibilidades, mas para que assim se realize é fundamental uma educação para mídias, com instrumentos que dotem as pessoas, ainda na escola, de capacidade de se informar, filtrar, ponderar e analisar informações na rede.

A educação midiática no currículo de Sociologia e como intervir

Propor uma forma de trabalho pedagógico com o objeto em questão é o objetivo central do texto, sem deixar de conectá-lo a conjuntura de crises e a base estrutural da nossa sociedade, a microeletrônica, que proporcionou entre várias outras coisas o surgimento e aperfeiçoamento das redes de interação social. Mas, o ponto de partida da reflexão sociológica foi o chão da escola, a partir do olhar e da sensibilidade do docente em diálogo com questões que afetam a todos quanto a atualidade, urgência e importância de imprimir no currículo das Ciências humanas e sociais aplicadas, na Sociologia em particular, uma educação para as novas mídias, desde a internet como um todo, os aplicativos de conversas e as redes sociais. Assim, foram aplicados dois questionários por meio da ferramenta *Google forms*¹ cujo

¹Aplicativo de gerenciamento de pesquisas lançado pelo Google. Os usuários podem usar o *Google Forms* para pesquisar e coletar informações sobre outras pessoas e também podem ser usados para questionários e formulários de registro.

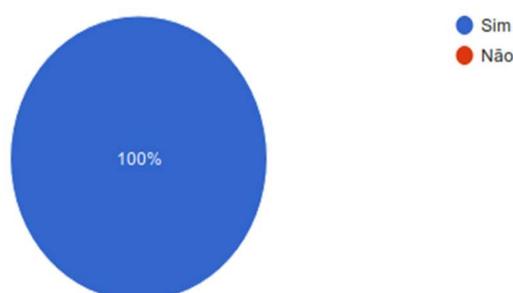
público-alvo foi um grupo de vinte discentes escolhidos aleatoriamente em uma instituição de educação básica, a escola de ensino médio Jaime Tomaz de Aquino, localizada no município de Beberibe, estado do Ceará.

Duas questões feitas ao grupo corroboraram a visão sobre a necessidade do fazer pedagógico atuar sobre as mídias e seus (sub)produtos no espaço escolar.

Figura *Fake news* e currículo

9) A escola deve abordar o assunto das fakenews em seu currículo?

20 respostas



A totalidade dos entrevistados respondeu que a escola deve abordar o assunto das *fake news* no currículo, o que pontua que para além de habilidades que envolvam destreza com o uso da rede, é preciso desenvolver junto aos estudantes capacidade cada vez mais acurada de reflexão crítica para um uso consciente e cidadão das informações ou notícias que são vistas e compartilhadas em uma velocidade absurda, e como lugar de formação, na escola, destaco o docente de Sociologia que deve atuar na elucidação do fenômeno social e em como confrontá-lo com ferramentas de análise a partir da transposição didática de métodos.

Outra questão que dialoga com o trato do tema na escola é o fato que buscamos formar cidadãos que compreendam como funcionam a democracia e o Estado de Direito, que possam argumentar e multiplicar sua defesa frente as instabilidades políticas que surgem em contexto de crises e possam não se deixar levar por discursos populistas e demagógicos, atualmente preponderantes em redes sociais, onde cada uma posta e compartilha o que bem entende. Nesse contexto a Sociologia pode ajudar a desenvolver a seguinte competência da Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

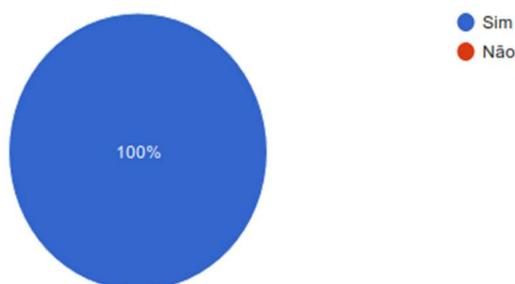
Participar, pessoal e coletivamente, do debate público de forma consciente e qualificada, respeitando diferentes posições, com vistas a possibilitar escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. (BRASIL, 2018, p. 558).

Dialogando com essa perspectiva de intervir no debate público e discernir quanto a argumentos qualificados e escolhas, a totalidade dos entrevistados também acredita que o impacto das *fake news* nas eleições de 2018 foi intenso e colaborou com o seu resultado, não o determinando, mas potencializando a polarização existente, acirrando os discursos e corroborando visões preestabelecidas sobre um lado ou outro, ganhou quem soube utilizar melhor essa estratégia e mobilizar as emoções, os medos e os anseios da população massivamente conectada as redes sociais, no Brasil, em especial o *Facebook*, mídia onde foram naturalizadas as práticas de veicular e compartilhar esse subproduto da era da informação.

Figura 2 – Redes sociais e eleição

7) Acredita que as redes sociais influenciaram o resultado da última eleição para presidente no Brasil?

20 respostas



Por meio das redes sociais as explicações simplistas vão se constituir enquanto alicerces de opiniões que passam a circular de uma maneira muito veloz na rede e o ato de acessá-las se naturaliza ao ponto de serem tomadas como verdade inquestionável, onde se ignora na maioria das vezes a ciência e seus especialistas.

Primeiro, perde-se de vista a historicidade desses fenômenos, isto é, que nem sempre foram assim; segundo, que certas mudanças ou continuidades históricas decorrem de decisões, e essas, de interesses, ou seja, de razões objetivas e humanas, não sendo fruto de tendências naturais. (BRASIL, 2006. p. 106)

Esse fenômeno das *fake news* embora relativamente recente no cotidiano social brasileiro aparenta características de algo banal, corriqueiro e estranhamente “normal”, aceito sem elaborações mais profundas por uma boa parcela da população do nosso país.

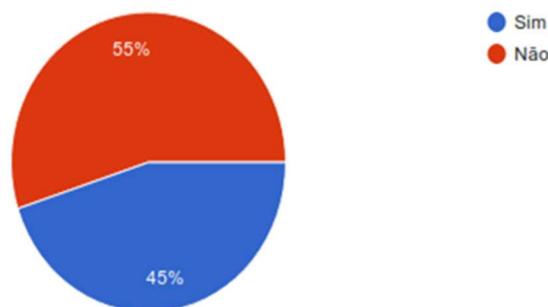
Como instituição de ensino e educação a escola precisa está cada vez mais atenta aos principais fenômenos sociais da atualidade, assim as orientações curriculares para o Ensino

Médio, na área de Ciências Humanas, colocam que “os fenômenos sociais estudados devem ser submetidos a um processo de desnaturalização, papel central do pensamento sociológico” (BRASIL, 2006. p. 105)). E a escola como espaço de vivência e formação básica para a vida em sociedade tem muito a contribuir para estudos nesse campo, onde o professor de Sociologia pode ser protagonista enquanto professor/pesquisador, enfatizando a importância do ensino/pesquisa no processo de aprendizagem, fazendo investigações junto aos estudantes sobre o fenômeno, suscitando estranhamentos e propondo alternativas de enfrentamento teórico e prático a partir do chão da escola, pois nossos jovens, assim como grande parcela da sociedade se ver exposta diariamente a esse problema como podemos observar na imagem abaixo:

Figura 3 – Notícias falsas

6) Já compartilhou notícias falsas e depois soube que era mentira?

20 respostas



Essa sociedade informatizada está imersa na abundância de informações, daí decorrem inúmeras observações e constatações no que tange ao acesso, seleção e controle de dados, pois elaborar e difundir notícias, ideias e posicionamentos são formas de poder. Como formas de poder devemos nos esforçar para garantir que seja um poder que emane da democracia e de valores como o respeito e a ética, que a priori tenha como marca um processo de formação e socialização capitaneado pelo protagonismo da escola e do fazer docente, mediando e orientando a prática do jovem quando imbuído dessa ferramenta de poder para que haja com responsabilidade social, buscando e veiculando verdades, jamais mentiras, valores como igualdade e justiça, não discursos de ódio as diferenças ou minorias. Assim, a Educação deve manter também uma relação muito próxima com os meios de comunicação, pois:

Considerando que toda prática pedagógica corresponde a uma ação comunicativa, considerando ainda que toda comunicação se refere a uma prática de transmissão de valores e referenciais de conduta é possível afirmar que as afinidades entre educação e comunicação de massa são explícitas e podem ser vistas como um espaço de discussão privilegiado entre educadores na contemporaneidade (SETTON, 2006. p.103)

Dessa forma, garantir uma educação midiática pode fazer frente a esse problema, desde que sejam feitas investigações científicas, sejam propostas alternativas estratégicas a partir dos nossos jovens para os nossos jovens por meio da mediação do docente. Essa mediação envolve atividades de pesquisa e atuação na sala de aula, projetos que desabrochem do chão da escola, que resgatem o caráter indissociável entre ensino e pesquisa, que potencialize o papel de pesquisador do docente e que o mesmo possa fazer ciência a partir da escola e das reflexões de sua atuação e de seus alunos. Atualmente, talvez mais que em outros períodos da nossa história, muito se opina e pouco se argumenta, a ciência e sua especialização perderam muito espaço para as generalizações, sobretudo com o advento das redes sociais e seu caráter descentralizado e horizontal, é preciso ressignificar a escola como espaço de diálogo entre ciência e fato e assim ir criando anticorpos contra as *fake news*, argumentando mais e opinando não menos, mas com clareza de distinção entre o que é senso comum e senso crítico. Ou seja,

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta (BRASIL, 2018. p.7).

Dessa maneira, a escola e o professor de Sociologia, embora o tema seja repleto de transversalidade, cumpre dentre outras funções e papéis o de evidenciar cientificamente e pedagogicamente os aspectos negativos desse acesso amplo as mídias sociais, seus prejuízos a vida individual e coletiva, a liberdade de expressão, a cidadania ampla e irrestrita quando apropriadas de forma incorreta, pois a proposta aqui defendida em estudar a relação entre a liberdade de expressão e formação de uma consciência crítica através da mediação pedagógica do docente de Sociologia no atual contexto de desenvolvimento das mídias se aponta para a necessidade de construir uma educação midiática a luz da investigação e pesquisa sociológica, mantendo o diálogo com outras ciências humanas e sociais e colocando como indispensável a atuação da Sociologia nessa dimensão da vida em sociedade, assim “diante desse cenário, é necessário oportunizar o uso e a análise crítica das novas tecnologias,

explorando suas potencialidades e evidenciando seus limites na configuração do mundo atual.” (BRASIL, 2018. p. 549).

Diante do exposto nas linhas anteriores, ou seja, da apresentação e diagnóstico do fenômeno social das *fake news* e como o tema se articula com o documento norteador da educação básica, a BNCC, por meio da educação voltada para as mídias da era da informação seguimos então para a proposição de um referencial de abordagem teórico e metodológico que possa atender a transposição didática de conhecimentos, da academia a escola.

A opção pela Análise de Discurso para tratar o fenômeno social das *fake news* no ambiente escolar, procura introduzir e aprimorar junto aos docentes e discentes o uso de ferramentas teórico-metodológicas de análise dos discursos, visto que o grande volume de informações, verdadeiras ou falsas, inundam o cotidiano da vida atual sendo necessário desenvolver habilidades cognitivas que permitam romper o limite da informação e se chegar ao conhecimento. O campo ideológico também acessado pela AD nos traz a historicidade que nos permite situar os discursos presentes na sociedade atual, na linha de como surgiram e se desenvolveram ao longo do tempo, povoando o imaginário social e individual, ou seja, “o deslocamento que propomos não separa forma e conteúdo, mas trabalha a forma material (em que o conteúdo se inscreve)” (ORLANDI, 1994. p. 57), é nessa relação entre a linguagem e o social, em uma relação entre campos do saber que a opção pela Análise de Discurso (AD) representa uma ferramenta potencial de grande alcance no trabalho com discursos nas redes sociais, especialmente as *fake news*.

Dessa maneira, a relação que se busca entre o que se diz nas *fake news* e porque se diz, perpassada pelas ideologias atravessa o campo do imaginário justamente por causa da historicidade das sociedades humanas, não se trata de conhecer e analisar separadamente a língua e o conteúdo.

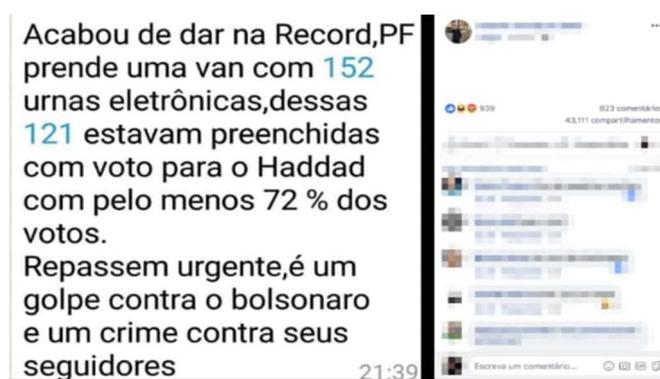
A Análise de Discurso, ao se fazer no entremeio entre Linguística e Ciências Sociais, não especifica claramente um lugar no/de reconhecimento das disciplinas. O que lhe importa é sobretudo colocar questões para a Linguística no campo de sua constituição, interpelando-a pela historicidade que ela apaga, do mesmo modo que coloca questões para as Ciências Sociais em seus fundamentos, interrogando a transparência da linguagem, a do sujeito e a do sentido, transparência sobre a qual essas ciências se assentam. (ORLANDI, 1994. p.54)

A opção por esse referencial ocorreu por se apresentar como prática analítica que permite atuar tanto sobre o objeto de pesquisa, permitindo o estudo mais aprofundado das *fake news*, como substanciando a pesquisa propriamente dita, podendo ser utilizada junto aos estudantes como ferramenta de análise científica transposta didaticamente sobre o assunto,

oferecendo os caminhos para a reflexão e análise dos sentidos dos textos veiculados nas redes sociais, com ênfase nas notícias políticas postadas no *Facebook*, onde o concreto (*fake news*), é sustentado socialmente por uma base abstrata, a ideologia, que se materializa justamente no discurso, ou seja, “ através da Análise do Discurso é possível realizarmos uma análise interna (o que este texto diz?, como ele diz?) e uma análise externa (porque este texto diz o que ele diz?). (GREGOLIN, 1995. p. 17).

No intuito de exemplificar o uso da análise de discurso no trabalho pedagógico com as *fake news* de cunho político, tomemos as próximas figuras como elementos de análise.

Figura 4 – Fraude nas urnas eletrônicas



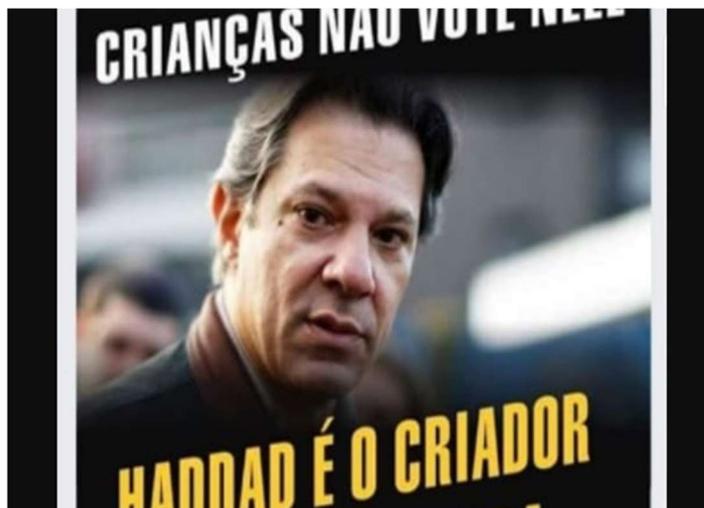
A mensagem na figura acima teve 41, 8 mil compartilhamentos no *Facebook* até o dia 6 de outubro de 2018 segundo o site de checagem de notícias aosfatos.org². Ao ler o teor da mensagem o usuário (eleitor), se depara com uma informação que descreve uma ação criminosa para beneficiar determinado candidato nas eleições presidenciais de 2018 que para além do fato objetivo em si mobiliza os sentimentos antissistemas no imaginário do eleitor, ou seja, tem como intenção corroborar com a crença contra tudo que está aí, um sistema sem segurança com urnas fraudadas, prontas a dar vitória para o candidato do Partido dos trabalhadores, que por sua vez é associado imediatamente a corrupção, tendo na fraude mais um elemento de comprovação, e fortalece a ideia de que o outro, seria o “honesto”, aquele messias capaz de salvar o Brasil dos grupos que tomaram o país e suas instituições e o corromperam, discurso intensamente veiculado nos meios tradicionais de comunicação e nas redes sociais ao longo dos anos anteriores e no próprio ano de 2018.

A figura 5, por sua vez, apela ao “moralismo cristão” do usuário (eleitor), ao informar que o então candidato do Partido dos Trabalhadores teria criado um “kit gay” para crianças de

² Plataforma de checagem de fatos que podem ajudar a saber se uma notícia compartilhada na web é falsa, ou seja, se trata de fake news.

6 anos de idade quando estava como titular do Ministério da Educação do Governo Lula. Até 10 de outubro de 2018, segundo o site de checagem de notícias aosfatos.org o material teve pelo menos 65 mil compartilhamentos no *Facebook*

Figura 5 – Kit gay



É importante observar que para além das distorções relacionadas ao projeto Escola Sem Homofobia, que inclusive foi vetado pela presidente Dilma Rousseff (PT) após pressão da Frente Parlamentar Evangélica da Câmara, que o objetivo maior era fornecer informações de combate a militância virtual de Jair Bolsonaro (PSL), para que pudesse utilizar essa narrativa para mobilizar elementos da ideologia cristã que apelassem ao moralismo religioso, construindo para católicos e evangélicos, uma imagem de Fernando Haddad (PT) demonizada, como alguém a ser derrotado a todo custo pelo candidato que colocava “Deus acima de tudo”, que protegeria os brasileiros e as crianças de todo o mal.

É necessário pontuar aqui, ao fim dos exemplos, que a rede de propagação das *fake news* é composta para além do *Facebook*, focado aqui no artigo, é composta também por outras redes sociais, aplicativos de conversa que difundiram em larga escalas boatos que alimentaram a rede e os próprios sites que produzem esses conteúdos mimetizados e adulterados, assim, para além da criação de legislação e portais de checagem de notícias, é inegavelmente necessário investir na educação como solução para o problema como um todo, buscar ferramentas metodológicas que possam servir a essa finalidade e a Sociologia tem muito a contribuir nesse campo, com todo o saber que mobiliza e com métodos que se mostrem adequados a tarefa, como a análise de discurso (AD) empregada no meio digital e interativo das redes sociais

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno social das *fake news*, sua constituição e impacto na sociedade devido a velocidade com que se propagam nas redes sociais é um problema a ser discutido pelas Ciências Sociais na escola, como parte integrante do currículo de Sociologia. Para tanto, materiais adequados a metodologia da ciência transposta a didática de sala de aula são cada vez mais necessários ao trabalho docente e a relação ensino-aprendizagem. A proposta do artigo se alinha justamente a essa necessidade, abordando no campo da educação midiática o tema das *fake news* em seu aspecto político, onde a Análise de Discurso (AD) enquanto prática analítica é apontada como uma ferramenta promissora de interpretação dos discursos compartilhados a ser introduzida e aperfeiçoada para o espaço escolar. Dessa forma, a proposta é utilizá-la junto ao pensamento sociológico no auxílio da compreensão do contexto sócio-histórico no qual a sociedade contemporânea está inscrita, qual a relação entre pós-verdade e *fake news* e como o que se diz tem vem de um lugar social repleto de ideologias materializadas no discurso dos sujeitos. Espera-se que o amadurecimento do método no ambiente da escola contribua para que os discentes possam intervir conscientemente em suas realidades, não apenas interpretando-a, mas também agindo na luta pela construção de uma sociedade mais justa social e economicamente, compreendendo e desnaturalizando discursos e pontos de vista, explicações e informações. Assim, a metodologia referendada pela ciência transposta a didática de sala de aula são cada vez mais necessárias ao trabalho docente e a relação ensino-aprendizagem. A análise proposta no artigo buscou reforçar que docentes e discentes possam intervir conscientemente em suas realidades, não apenas interpretando-a, mas também agindo na luta pela construção de uma sociedade mais justa social e economicamente, aponta ainda que é preciso investir em pesquisas que abordem problemas cotidianos a serem discutidos no currículo escolar, construído entre os pares, com os estudantes e aos olhos da ciência, sendo um campo fértil para o desenvolvimento de pesquisas que enfatizem o espaço escolar e a temática sob os olhos da academia, estreitando os laços entre a Universidade e a Escola, ampliando o debate e construindo saberes. Com isso, mesmo diante dos ataques sofridos pela Sociologia enquanto disciplina ou componente curricular, ela permanece necessária e fundamental em sua posição de análise e enfrentamento, ajudando os sujeitos na compreensão de suas aflições coletivas, na desnaturalização das condições e no entendimento de como a sociedade capitalista, da era informacional opera, e assim intervir sobre ela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Secretaria da Educação Básica - Ensino Médio. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Vol. 3. Secretaria da Educação Básica – Brasília: MEC, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 22ª edição – São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- CESARINO, Leticia. **Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo - neoliberalismo e pessoal fractal**. In: Rev. Antropol. v.62 nº3, p. 530-557. São Paulo, USP, 2019
- DARNTON, Robert. **A verdadeira história das notícias falsas: séculos antes das redes sociais, os boatos e as mentiras alimentavam pasquins e gazetas na Europa**. El País, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536_863123.html>. Acesso em 15 abr.2021.
- EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. 1ª ed.; 3 reimp. - São Paulo: Vestígio, 2020.
- GOMES, Wilson. **Sobre a transformação da política na era da comunicação de massa**. Compôs, 2004.
- GOMES, Wilson. **Internet e participação política em sociedades democráticas**. In: Revista FAMECOS. Porto Alegre, nº 27, 2005.
- GOMES, Wilson.; DOURADO, Tatiana. **Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia**. In: Estudos em Jornalismo e Mídia. Vol. 16 nº2, 2019
- GREGOLIN, M.R.V. **A análise do discurso: Conceitos e aplicações**. Alfa. São Paulo, v. 39, p.13-25, 1995.
- MOURA, Mauricio.; CORBELLINI. **A eleição disruptiva: porque Bolsonaro venceu**. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2019.
- ORLANDI, Eni. **Discurso, imaginário social e conhecimento**. In: Em aberto, Brasília, ano 14, n.61, janeiro/março, 1994.
- ORTELLADO, Pablo.; RIBEIRO, Marcio. **Polarização e desinformação online no Brasil**. FES, 2018.

ORTELLADO, Pablo.; RIBEIRO, Marcio. **O que são e como lidar com as notícias falsas.**

In: Dossiê Sur sobre internet e democracia. Vol. 15 nº27, 2018.

SEIXAS, Rodrigo. **A retórica da pós-verdade: o problema das convicções.** In: Revista

Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, nº18, abr. 2019.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Em foco: Educação e sociedade midiática.** USP. 2006.